



## VIVIANE SALLES

CIDADE DE DEUS

---

Viviane Salles é antropóloga formada na PUC-Rio, contista, poeta, editora e fundadora do movimento literário da Poesia de Esquina.

Coordena o Laboratório do Pensamento Livre, centro de pesquisa localizado na Cidade de Deus voltado a temas ligados à periferia, cultura, comunicação, direitos humanos e cidadania. Viviane já viajou aos Estados Unidos para pesquisar sobre os movimentos antirracistas e a diáspora africana. Atualmente, se dedica à edição de livros de poesia via Esquina Editorial.

# TRIBO, TEMPO E DANÇA

Viviane Salles

*Para Eliane Haas e Mônica do Patrocínio*

“Linha Amarela e Grajaú-Jacarepaguá fechadas por intensos tiroteios...”, disseram na rádio. O pensamento salta imediatamente para a minha mãe e avó, que já deveriam estar saindo de casa, na Cidade de Deus, pra me encontrar no Grajaú. Lentidão, coração acelerado. Rio de Janeiro e sua brisa infernal. Minha irmã ligando, já vinha primeiro do Estácio. Toda agitada, pra variar:

- Onde elas estão?

Se fosse combinado, não saía tão sincronizado nos perguntarmos ao mesmo tempo.

“Fazia tempo que eu não encontrava uma flor tão bonita no caminho como a que eu vi ontem. Vai comigo até o meu último dia de passeio e balanço” - entra a voz da escritora Letícia Brito.

- Essas rádios estão enlouquecidas! Como alternar notícias de confrontos com poesia?

“Um helicóptero foi derrubado por traficantes na Cidade de Deus...”

\*\*\*

Chamada do rapé. Saudação à Terra. Consagração do tabaco. Orí na terra. Memórias do ventre da minha mãe: confortável, quente e puro. Sessenta e oito graus, nuca e joelhos em fogo. Meus olhos ardendo em chamas como as tantas pedras avós. Ancestralidade. Sabedoria primordial. Quatro direções na busca por conhecimento. Quanto tempo para se aguardar por um sopro de vida, mãe? O que é que eu poderia ter pedido ou agradecido junto a esta profundidade que eu tenha me esquecido? Será que a gente ainda pode engatinhar em direção à vasilha de água sem perder de vista o caminho de volta? Verdadeiro segredo é perceber a hora exata para que certas coisas se materializem, ganhem vida e movimento. Colher não vem antes de se plantar. Morrer não vem antes do florescimento – e sequer pode. Meu Babalaô tem me dado instruções valiosas – agora, mesmo que pareça muito difícil, ainda é possível respirar. O vento da porta da gratidão diz que mudanças são necessárias e o ritmo é esse, intenso e também neutro, em pleno outono. Quem não se abrir para elas, quando chega o momento, pode congelar na fotografia.

Inútil essa tentativa de resistência ao que se pode sentir. Ao que se pode ver com máxima precisão ao longo do percurso solitário, de tantas descobertas pela existência. Escuridão absoluta e incomum – luz no topo da cabeça, pra equilibrar. Mesmo que com terra em cada fio de cabelo, mesmo que eu tenha batido com a cabeça na pedra e um galo vermelho tenha tatuado minha testa.

Quantos sentimentos controversos se pode sentir ao mesmo tempo: soam como milhares. Já não sei responder questões complexas após certo horário. Tenho me sentido moderadamente envelhecida, aos trinta e dois anos - para as mulheres da nossa família é uma idade tardia para a escolha de gerar uma criança. Minha avó tinha vinte quando teve você, mãe. Você, vinte e dois quando gerou minha irmã e vinte e cinco quando eu nasci.

Cerveja especial na geladeira e o seu prato preferido, carne assada com arroz primavera, para te esperar e contar a maior novidade do mundo. Que meia hora demorada e inteira de ansiedade em que estou mergulhada. Sentimento de espécie rara. Agora, mãe, a sereia do tempo se manifesta em Terra para dizer que chegou a vez do meu ritual de geração de vida e logo mais uma mulher – só aumenta e floresce este nosso reino feminino.

Sentimento maternal, silhueta e ritmo já agora presente de luta/proteção. Quanta alegria e surpresa essa gravidez... Vou contar primeiro para minha mãe, depois conto pro pai da criança. Se eu espalhar isso, talvez xs amigxs e conhecidxs achem estranho. Mas nunca prometi a ninguém no planeta que eu planejava ser uma mulher convencional ou de comportamento previsível.

Minha avó sempre foi uma rainha de correntezas. Impressionante a forma como segue fluindo em amor, força e coragem, apesar das tempestades. Espero que receba com alegria a notícia da primeira bisneta. Com certeza vai. Talvez ela até já saiba, tem coisa que se fica sabendo por intuição, mesmo antes da partilha através da palavra. Família de matriarcas. Ventre de força feminina: comando da nossa tribo.

Simone, lembra-se bem das histórias e origens da nossa avó? Dona Avelina, indígena potiguara da Paraíba, fundadora da Igreja Universal do Reino de Deus, na Cidade de Deus. Mulher de Jesus, mas que levou a nossa mãe para iniciar para Exu com Iansã no Candomblé. Nossa mãe, que fugiu do ronco antes do término da iniciação. Sei bem de onde vem a minha ventania própria pra encarar as situações difíceis que surgem no caminho. Essa minha vida que sempre foi intensa e de magia. Pequenas confusões que vão surgindo como professoras, vêm para nos mostrar caminhos sobre como fortalecer o amor. Almoço em família marcado hoje pra comemarmos a nossa união.

\*\*\*

- Alô, mãe?

- Oi... - voz frágil e assustada.

- Onde estão?

- Estamos num uber dando ré na altura do Lins. Um medo absurdo, filha! Hoje pela manhã muito tiroteio na Cidade de Deus... Sua avó sempre fica muito nervosa. Já não queria sair. Quando percebemos a trégua, pegamos uma van até a Freguesia. Era o único transporte... Os ônibus tinham parado de rodar. Aí, na Freguesia conseguimos pedir um carro...

- Caiu um helicóptero e tudo! Por que vocês não ficaram em casa, MEU DEUS? A gente podia ter combinado outro dia! As senhoras estão loucas?

- Um helicóptero! Nossa... Agora? A rotina tem sido essa na Cidade de Deus. Você sabe. Medo paralisa. Se todo dia a gente deixar para depois, aí que a gente morre de vez.

- Mantenha a calma. Qualquer princípio de conflito, abaxem-se no carro. Estamos todas preocupadas. Mas agora precisamos manter a calma. Vocês aí e a gente aqui. Vai terminar tudo bem. Vai terminar tudo bem...

\*\*\*

Em momentos difíceis, me vem à memória o ritual do Temaskali. Força da natureza. Quatro elementos. Terra, fogo, água e ar. Valorização do sagrado feminino, do planeta e da vida. Armas são a negação de tudo isso. Insano. Não consigo separar espiritualidade e compreensão da vida terrena, acho que daí vem a minha escolha de querer entrar na universidade pra cursar ciências

sociais. Espero iniciar ano que vem.

Tenho começado a entender a razão dos meus interesses: compreender sobre poder, política, Estado, relações humanas, desigualdade e mercado. O que está acontecendo com as pessoas? Por que tanto ódio, armas, conflitos, riscos e violência? Por que são os mais pobres as principais vítimas de tanta violência de Estado e invisibilidade? Qual o papel das instituições nesse cenário? Quem está lucrando com tanta morte, sangue, venda de armas e drogas? É possível outra lógica que não seja a de extermínio de uma juventude indesejada? Quem derrubou o helicóptero?

Sei que não será possível meditar em silêncio na cachoeira e retornar às minhas atividades mundanas sem me conectar a tudo aquilo que sempre me moveu, no sentido de colocar energia de mudança nas questões que precisam se transformar também no externo...

\*\*\*

Minha mãe e avó chegaram muito mais tempo depois ao infinito do relógio do que a meia hora inicialmente prevista. Com medo, nervosas e irritadas, Simone as recebeu à porta. O caos na esfera psíquica das pessoas atinge as pessoas por todos os lados - e não somente os que vivem nos bairros periféricos e têm medo de se tornar alvos, ainda que não tenham nada a ver com o crime organizado. E quem só passa pelas vias expressas, mesmo que por curto espaço de tempo, também pode experimentar um sentimento similar - que pode navegar entre a sensação de exposição a riscos a pânico.

Após o imenso susto do dia, pude enfim reunir o matriarcado, acolher a minha mãe e avó em casa e então contar a melhor notícia que eu poderia.

---